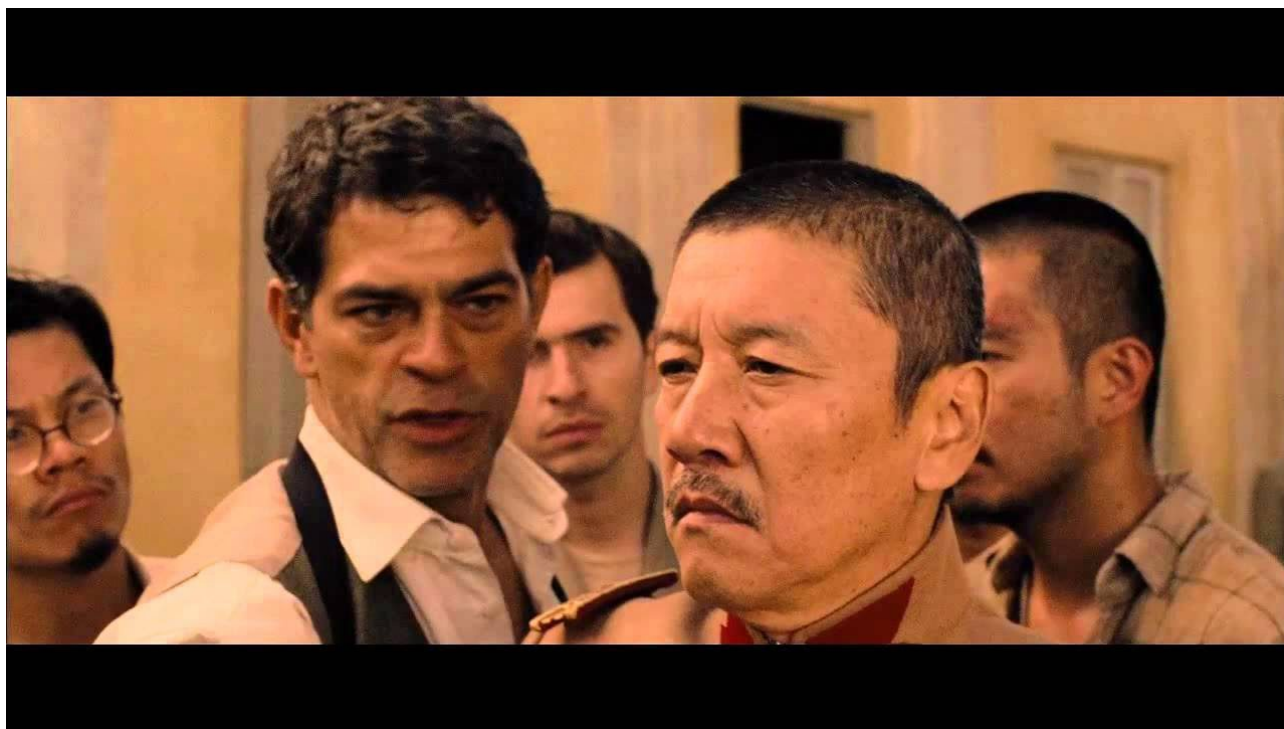


Autor: Freitas Campos

Corações Sujos: um filme para pensar sobre negacionismo e pós-verdade



Entrou no catálogo da Netflix no mês passado (agosto) o filme *Corações Sujos* (2011), do diretor Vicente Amorim. A produção é baseada no livro-reportagem homônimo de Fernando Moraes, publicado em 2000, que conta o que sem dúvida é um impressionante caso de estudo para a psicologia social ocorrido no Brasil na década de 1940. Logo após o fim da 2ª Guerra Mundial, com a vitória dos países Aliados e a derrota do Eixo (formado principalmente por Alemanha, Itália e Japão), a organização extremista Shindo Renmei, formada no interior de São Paulo, onde a colônia japonesa era numerosa, se recusava a aceitar a derrota do Japão na guerra e atacava membros da própria comunidade que reconheciam que o país havia sido derrotado.

A produção conta com atores japoneses e brasileiros, dentre eles Eduardo Moscovis, e é falada em japonês e português, tendo sido exibida nos circuitos de cinema dos dois países. Contrariando algumas expectativas que se tinha com relação ao governo de Getúlio Vargas, o Brasil entrou na guerra ao lado dos Aliados, juntamente com países como Estados Unidos, Inglaterra, União Soviética e França, o que gerou uma situação de muita tensão perante três das maiores colônias de imigrantes no Brasil: a alemã, a italiana e a japonesa. Para se ter uma ideia, o maior partido nazista fora da Alemanha era o Partido Nazista do Brasil, que chegou a ter 2.900 filiados, tendo início em Santa Catarina entre imigrantes alemães, mas se espalhando por diversos estados brasileiros [1].

Os idiomas alemão, italiano e japonês chegaram a ser proibidos dentro do Brasil. Com isso, nenhum material falado ou escrito nessas línguas ou vindo desses países poderia circular pelo país. Foi nessa época que, por exemplo, o Palestra Itália virou Palmeiras, e o colégio paulistano Deutsche Schule virou Porto Seguro. Isso gerou um problema maior particularmente para a colônia japonesa, já que boa parte dos imigrantes e mesmo seus descendentes não dominavam o português e se informavam por jornais escritos em japonês. A dificuldade com o idioma falado no Brasil fica explícita em diversos momentos do filme. Isso contribui para que muitos colonos não acreditem que o Japão acabara de ser derrotado.

Mas a negação da realidade não se dá somente por isso. Corações Sujos é um filme sobre fanatismo e como ele pode destruir vidas e provocar tragédias que poderiam ser evitadas. A organização Shindo Renmei, composta por colonos japoneses extremistas que não acreditavam na derrota japonesa ou mesmo se recusavam a aceitar aquela realidade, atuou nos dois anos posteriores ao fim da Segunda Guerra Mundial – 1946 e 1947 – atacando outros imigrantes e descendentes nipônicos que declaravam compreender a derrota de seu país de origem perante os Aliados. Esses imigrantes japoneses que reconheciam a derrota eram rotulados pelos membros da Shindo Renmei como traidores ou “*kegareta kokoro*” (“coração sujo”, traduzido para o português, daí o nome do filme e do livro), merecedores de punição. O saldo do confronto naqueles dois anos foi de dezenas de mortos, centenas de feridos, milhares de japoneses presos e 381 deles condenados, que foram anistiados 10 anos depois.

Negacionismo e pós-verdade (ou pós-fato)

Ainda que se passe na década de 1940, em um contexto social distinto do atual, o filme trabalha alguns dos elementos que impulsionam a onda de negacionismo tão presente na chamada era da pós-verdade. Antes de falarmos sobre esses elementos contidos na trama, cabe abordar, introdutoriamente, o negacionismo e a pós-verdade. O negacionismo costuma ser entendido como “*o ato de negar-se a acreditar em uma informação estabelecida em áreas como a ciência e a história*” [2] ou mesmo “*a escolha de negar a realidade como forma de escapar de uma verdade desconfortável*” [3].

Para ficarmos em exemplos relacionados à Segunda Guerra Mundial, podemos citar a negação do Holocausto como uma das principais manifestações negacionistas, a despeito de todo trabalho de historiadores de diversas partes do mundo que atestam a existência das câmaras de gás, campos de concentração e massacres de judeus; ou a ideia de que o nazismo foi uma doutrina política de esquerda, o que contraria discursos e escritos dos próprios nazistas, assim como os estudos de historiadores e cientistas políticos [4] [5].

Já o negacionismo científico pode ser compreendido por “*seu caráter intencional e articulado para produzir e disseminar desinformação e dúvidas, por meio de estratégias organizadas com o objetivo de contrariar evidências e alegações consensualmente reconhecidas pela comunidade científica*” [6]. A conceituação, escrita por Simone Kropf, é uma dentre os muitos verbetes contidos na obra *Dicionário dos Negacionismos no Brasil*, organizada pelo professor e pesquisador do Instituto de Estudos Sociais e Políticos (Iesp/Uerj)

José Szwako e pelo professor e pesquisador da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) José Luiz Ratton.

Em 2016, o Oxford Dictionaries escolheu “pós-verdade” como a palavra do ano, definindo-a como *“circunstâncias em que os fatos objetivos são menos influentes em formar a opinião pública do que os apelos à emoção e à crença pessoal”* [7]. O termo teria sido usado pela primeira vez em 1992, na revista *The Nation*, em artigo do escritor sérvio-norte-americano Steve Tesich, sobre um contexto nacional que envolvia escândalos como Watergate e Irã-Contras. Entretanto, o termo pós-verdade somente se popularizou a ponto de ser escolhido como palavra do ano na década passada, impulsionado por fatores como as eleições de Donald Trump, nos EUA, e do Brexit, no Reino Unido, cujas campanhas se valeram de afirmações absurdas. O termo pós-verdade, no entanto, é controverso, e muitos especialistas na área de comunicação preferem utilizar o termo “pós-fato”. É o caso do professor da USP Carlos Eduardo Lins da Silva, que argumenta que pós-fato soa menos pretensioso e mais adequado à realidade da comunicação e do jornalismo, já que “verdade” é um conceito filosoficamente mais complexo [8].

O ímpeto japonês

A trama de *Corações Sujos* gira em torno do imigrante japonês Takahashi, um sujeito aparentemente normal, mas que ao ser manipulado pelo coronel Watanabe, do Exército Imperial Japonês, transforma-se em um assassino vingador, pronto para executar os “infiéis” colonos japoneses que demonstraram compreender a derrota do Japão. A aparente normalidade de Takahashi não está na trama à toa. Ela serve para mostrar como qualquer indivíduo, quando manipulado e movido pelo fanatismo, é capaz de cometer barbaridades. Incumbido pelo coronel Watanabe da missão de executar os “corações sujos”, Takahashi, hesitante, chega a questionar por que foi escolhido, já que é apenas um homem comum. Mas é justamente essa normalidade que é ressaltada pelo coronel: *“você é o epítome de um homem japonês”*, responde Watanabe. Sendo, portanto, um típico japonês, Takahashi seria o homem certo para a tarefa.

E qual era o perfil de um homem japonês naquela época? Além de construírem uma sociedade rigidamente hierárquica, os japoneses eram extremamente fiéis ao imperador, que era venerado como o próprio deus vivo. Além de cultuarem fortemente valores como honra e tradição, a fidelidade ao imperador se misturava à fidelidade ao próprio Japão. E todas essas características eram fundamentais como base da rígida hierarquia do estado totalitário e imperialista que era o Japão do imperador Hirohito. O país se juntou à Alemanha nazista e à Itália fascista visando ampliar seu poder diante de outros países asiáticos [9].

Soldados das mais diversas nacionalidades, em situações francamente adversas, costumam se render. Não era esse o caso dos japoneses da Segunda Guerra Mundial. Os soldados japoneses impressionaram os inimigos – principalmente os estadunidenses – por nunca se renderem, por lutarem até a morte. Os kamikazes – pilotos japoneses que lançavam suas aeronaves contra os alvos em ataques suicidas – foram o maior símbolo desse ímpeto guerreiro do Japão imperial. O oficial japonês Hiroo Onoda só se rendeu em 1974, quase 30 anos após o fim da guerra, quando finalmente foi convencido de que o Japão havia perdido.

Durante todo esse período ele passou escondido nas matas das Filipinas [10].

Todo esse ímpeto japonês, que em alguns deles chegava ao fanatismo negacionista, era movido por elementos que até hoje podem ser vistos em muitos casos de negacionismo: nacionalismo, religião e uma visão distorcida e romantizada do próprio passado de seu povo, por exemplo. Esses elementos não são os únicos a mover as engrenagens do pós-fato, mas são alguns dos mais preponderantes e estão presentes na trama de *Corações Sujos*. Uns mais evidentes; outros menos.

Nacionalismo

O nacionalismo fica claro logo no início do filme, no modo como um grupo de japoneses reage ao tratamento desrespeitoso que um militar brasileiro dá à bandeira do Japão. A truculência do estado getulista não é poupada de crítica em *Corações Sujos* e isso fica bem caracterizado em algumas passagens do filme. O nacionalismo japonês é reforçado entre os colonos em textos de lavagem cerebral ditos uns aos outros ou lidos para si próprios:

“Aqueles que negam o valor dessas coisas e aceitam as coisas como estão no momento desistiram de sua identidade japonesa e estão com os corações sujos. Em outras palavras, são traidores”, diz Takahashi para si mesmo, lendo um panfleto propagandista da Shindo Renmei.

Traçando um comparativo com os tempos atuais, movimentos nacionalistas pelo mundo com frequência possibilitam contextos sociopolíticos de crescimento de negacionismos dos mais diversos. O jornalista Soutik Biswas, correspondente da BBC na Índia, ressalta o quanto a pseudociência avançou da marginalidade para o *mainstream* naquele país durante a gestão do partido nacionalista hindu BJP, do primeiro-ministro Narendra Modi [11]. A reportagem da BBC dá exemplos de absurdos ditos até mesmo dentro da comunidade científica da Índia, como a afirmação de que antigos hindus inventaram a pesquisa com células-tronco há milhares de anos; ou que o rei demônio do Ramayana, épico religioso hindu, tinha 24 tipos de aeronaves e uma rede de pistas de pouso no território em que hoje fica o Sri Lanka.

Um cientista indiano afirmou ainda que Newton falhou em “entender as forças gravitacionais repulsivas” e que as teorias de Einstein eram “enganosas”. Segundo ele, as ondas gravitacionais deveriam ser chamadas de “Ondas de Narendra Modi”, uma referência ao primeiro-ministro do país. Modi, por sua vez, disse que a cirurgia estética era praticada na Índia há milhares de anos e usou como exemplo o deus hindu Ganesha – cuja cabeça de elefante está presa a um corpo humano – o que, segundo ele, mostra que a cirurgia estética existia na Índia na antiguidade. Perceptivelmente, esse nacionalismo exacerbado está entrelaçado com o pensamento religioso e a mistificação e romantização do passado.

O historiador Luiz Marques é um dos especialistas que destacam como o negacionismo de consensos científicos se prolifera em meio aos discursos nacionalistas, de esquerda ou direita, e diz: *“O discurso negacionista nutre-se do medo e do compreensível desejo das pessoas de se apegar cegamente à identidade de tribo, à eliminação da dissonância, à autoridade moral do páter-famílias, em suma, ao mundo do passado, aquele mundo em que o futuro era, malgrado alguns ‘tropeços’ da história, uma promessa”* [12]. A identidade tribal, a eliminação (inclusive física) daqueles que ousam compreender a realidade e anunciá-la, a rigidez patriarcal, a mitificação do passado. Todos esses traços podem ser vistos em Corações Sujos no negacionismo de uma realidade imediata: a derrota japonesa.

Religião e passado mítico

Se o nacionalismo é exacerbado no filme, a religiosidade é tratada de uma forma mais sutil. Para quem não conhece nada sobre o xintoísmo, pode soar ainda mais estranho entender por que aqueles colonos japoneses eram tão devotos de sua nação, mas o pensamento religioso era um propulsor dessa devoção, já que o imperador Hirohito, pela religião xintoísta, era visto como um deus, o que fica pouco ressaltado, exceto em um diálogo em que um colono que compreendia português e que já havia reconhecido a derrota japonesa (ou seja, um “coração sujo”) tenta dissuadir Takahashi do fanatismo, ao afirmar que o imperador não é um deus.

Àquela altura, com o fim da guerra, o imperador Hirohito já havia renunciado publicamente perante o povo japonês o seu status de divindade, por imposição dos vencedores do conflito: *“Os laços que nos unem a vós, nossos súditos, não são o resultado da mitologia ou de lendas. Não se baseiam jamais no conceito de que o imperador é deus ou qualquer outra divindade viva”*, disse o monarca. [13].

Para muitos japoneses, aquela era a primeira vez que ouviam a voz de Hirohito no rádio. Nunca ter ouvido ou, em alguns casos, nem ter visto pessoalmente o imperador, era algo que só reforçava sua figura mítica e a fé em seu caráter divino. Os japoneses não perderam só a guerra, perderam também um deus. Tudo de uma só vez.

Sobre a mistificação do passado, cabe ressaltar que, de fato, o império japonês nunca havia perdido uma guerra contra outra nação, o que fazia a derrota na Segunda Guerra Mundial ainda mais difícil de ser aceita. Mas o passado glorioso do Japão nos campos de batalha, posto literalmente pelos ares pelas bombas atômicas, não incluía a família imperial como descendente de Amaterasu, deusa xintoísta do sol. Tratava-se de uma crença, um passado idílico que desmoronava. O Japão não era uma nação invencível sob a proteção divina, como a Shindo Renmei acreditava. Os fatos novos estavam postos e precisavam ser aceitos.

A pós-verdade, enfim, não é tão nova assim

Até mesmo fabricação de fake news – ou “desinformação”, como preferem muitos especialistas da área de comunicação – é possível encontrar em *Corações Sujos*. O responsável é o coronel Watanabe, que demonstra uma postura dúbia: em parte, lucra financeiramente com as mentiras que fabrica e propaga; em parte, também parece acreditar nelas. Esses traços comportamentais de Watanabe podem ser encontrados em diversos dos agentes que contribuem para o processo de desinformação pública – ou desinfodemia: há os que conscientemente fabricam a desinformação para lucrar; há os que ingenuamente acreditam nas mentiras e as disseminam; e há aqueles que parecem ser um pouco de ambos, sabendo que as mentiras são mentiras, mas ao mesmo tempo as vendo como um tipo de verdade, pois condizem com suas visões de mundo.

Por esse raciocínio torto, um livro de um suposto kit gay apresentado por um candidato à Presidência em uma entrevista de TV pode ser falso [14], mas se a falsidade denuncia o que considero algum tipo de deturpação moral nas escolas infantis, por que não repassar a mentira em nome de um “bem maior”?

“Estou usando mentiras para lutar contra mentiras”, se defende o coronel Watanabe, ao ser questionado sobre a fabricação de desinformação. “A verdade está dentro de nós”, ele diz. Aqui, há a ideia de que nossos desejos, crenças e percepções valem mais do que os fatos à nossa frente, esfregados em nossa cara. Mas esse comportamento negacionista não funciona e cedo ou tarde cobra um preço. A verdade não está dentro de nós!

No fim das contas, *Corações Sujos* é um filme para nos alertar que a pós-verdade ou pós-fato não é um fenômeno totalmente novo e nos mostrar como operam alguns elementos psicológicos e sociopolíticos do negacionismo e desses novos tempos, como o nacionalismo, a religião, a mistificação do passado, a incapacidade de lidar com fatos novos e quebras de paradigmas etc.

Em seu livro chamado *“Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news”*, Matthew D’ancona diferencia a pós-verdade de uma longa tradição de mentiras políticas, mostrando o peso das novas tecnologias e das mídias sociais nesse processo de manipulação, polarizando e enraizando opiniões [5]. Ao falar sobre a pós-verdade, André Cabette Fábio também destaca o papel das novas mídias, ao dizer que *“Plataformas como Facebook, Twitter e Whatsapp favorecem a replicação de boatos e mentiras. Grande parte dos factóides são compartilhados por conhecidos nos quais os usuários têm confiança, o que aumenta a aparência de legitimidade das histórias. Os algoritmos utilizados pelo Facebook fazem com que usuários tendam a receber informações que corroboram seu ponto de vista, formando bolhas que isolam as narrativas às quais aderem de questionamentos à esquerda ou à direita”*[15].

D’ancona pontua que o fenômeno da pós-verdade não é de todo novo: *“Na maior parte da história humana, histórias tribais e mitologias compartilhadas fizeram mais para explicar o comportamento humano do que a avaliação fria da evidência verificável. Todas as sociedades possuem suas lendas fundadoras que as unem,*

moldam seus limites morais e habitam seus sonhos de futuro. Desde a Revolução Científica e o Iluminismo, porém, essas narrativas coletivas competiram com a racionalidade, o pluralismo e a prioridade da verdade como base para a organização social. O que é novo é a extensão pela qual, no novo cenário de digitalização e interconexão global, a emoção está recuperando sua primazia, e a verdade, batendo em retirada.” [5].

Corações Sujos nos faz refletir sobre como essas histórias tribais e mitológicas já circulavam e provocavam situações de negação da realidade antes da existência das mídias digitais que, aparentemente, deu a elas uma nova e potente propulsão.

Referências:

[1] Brasil teve maior partido nazista fora da Alemanha, apontam historiadores:

<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/02/08/historia-partido-nazista-no-brasil.htm>

[2] Negacionismo

<https://mundoeducacao.uol.com.br/curiosidades/negacionismo.htm>

[3] Negacionismo

https://pt.wikipedia.org/wiki/Negacionismo#cite_note-1

[4] CAMPOS, Alexandre Freitas. “Nazismo de esquerda: análise de uma fake history a partir de vídeo da embaixada e consulado alemães. In 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2021, virtual. Disponível em:

<https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt5-cd/alexandre-freitas-campos.pdf>

[5] CAMPOS, Alexandre Freitas; WANDERLEY, Sonia Maria de Almeida Ignatiuk. “Nazismo de esquerda” e fake history: do Facebook a Netflix, uma análise do streaming para a educação em tempos de pós-verdade. Revista Historiar, Vol. 14, Nº. 26, Jan./Jun de 2022. <https://historiar.uvanet.br/index.php/1/article/view/428>

[6] Dicionário dos Negacionismos no Brasil traz verbetes de pesquisadores da COC/Fiocruz

<https://www.coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/2207-dicionario-dos-negacionismos-no-brasil-traz-verbetes-de-pesquisadores-da-coc-fiocruz.html>

[7] D’ANCONA, Matthew. Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de fake news. Barueri:

Faro Editora, 2018.

[8] Pós-fato é o novo antagonista da veracidade no jornalismo

<https://jornal.usp.br/radio-usp/colunistas/carlos-eduardo-lins-da-silva/pos-fato-e-o-novo-antagonista-da-veracidade-no-jornalismo/>

[9] Guerra no Pacífico: de Pearl Harbor às bombas atômicas

<https://anchor.fm/historia-fm/episodes/067-Guerra-no-Pacifico-de-Pearl-Harbor-s-bombas-atmicas-e15i50j>

[10] Oficial japonês que demorou 30 anos para se render morre em Tóquio

<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/01/oficial-japones-que-demorou-30-anos-para-se-render-morre-em-toquio.html>

[11] 'Einstein e Newton estavam errados': estimulada por políticos nacionalistas, 'pseudociência' avança na Índia

https://www.bbc.com/portuguese/geral-46780542?fbclid=IwAR2Yu73sfd1n6bYJW7szoWWCPN04q2qoe0GVW1kyGJO2-Rihl_-N5JdruQQ

[12] Negação da ciência ganha força em nacionalismo que une esquerda e direita

<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2019/01/negacao-da-ciencia-ganha-forca-em-nacionalismo-que-une-esquerda-e-direita.shtml>

[13] A época em que o imperador japonês era mais venerado no Brasil do que no Japão

<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50104588>

[14] Bolsonaro mentiu ao falar de livro de educação sexual no 'Jornal Nacional'

https://brasil.elpais.com/brasil/2018/08/29/politica/1535564207_054097.html

[15] O que é 'pós-verdade', a palavra do ano segundo a Universidade de Oxford

<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/11/16/O-que-%C3%A9-%E2%80%98pós-verdade%E2%80%99-a-palavra-do-ano-segundo-a-Universidade-de-Oxford>

Data de Publicação: 23-09-2022